
UMA CIENTISTA NO *REALITY SHOW*: disputas discursivas acadêmicas sob os olhares do 'Grande Irmão'¹

A SCIENTIST IN THE REALITY SHOW: academic discursive disputes under the eyes of the 'Big Brother'

Nelson Rosário de Souza ²

Tatiane Salette de Almeida ³

Resumo: *Nosso objeto é o debate acadêmico sobre a participação de uma cientista política no Big Brother Brasil. A inversão da relação entre sujeito e objeto de conhecimento aflorou as disputas discursivas nos campos da Ciência Política e da Sociologia a respeito da legitimação do objeto, da hierarquia de temas e da designação do centro e da periferia. A hegemonia nestas áreas pertence às abordagens institucionalistas e estruturais, com ênfase nos paradigmas da dominação e dos efeitos de poder. Interessa-nos saber qual a situação atual do tema 'mídia e cultura de massa' nos respectivos campos à luz desses embates. A partir do referencial da 'midia culturas', analisamos os posts e comentários produzidos por agentes do meio acadêmico a respeito do evento com vistas a responder: Quais disputas discursivas aparecem no debate e o que elas informam sobre o atual estágio de formação destes campos disciplinares e sobre o lugar da 'mídia' neles? A hipótese é que a hegemonia indicada acima se confirme, mas, com resistências.*

Palavras-Chave: *Reality show, Big Brother, disputas discursivas, Sociologia, Ciência Política.*

Abstract: *Our object is the academic debate about the participation of a political scientist in Big Brother Brazil. The inversion of the relation between subject and object of knowledge generated discursive disputes in the fields of Political Science and Sociology regarding the legitimation of the object, the hierarchy of themes and the designation of the center and the periphery. The hegemony in these areas belongs to institutionalist and structural approaches, with emphasis on the paradigms of domination and the effects of power. We are interested in knowing the current situation of the theme 'media and mass culture' in the respective fields in view of these conflicts. From the perspective of 'mediacultures', we analyze the posts and comments produced by agents of the academic world about the event in order to answer: What discursive disputes appear in the debate and what do they inform about the current stage of formation of these*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 5 - Comunicação e sociedade civil do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

² Universidade Federal do Paraná, Doutor, nrdesouza@ufpr.br

³ Universidade Federal do Paraná, Doutoranda, taticasocial@gmail.com

disciplinary fields and about the place of 'media' in them? The hypothesis is that the hegemony indicated above is confirmed, but with resistances.

Keywords: *Reality show, Big Brother, discursive disputes, Sociology, Political Science.*

1. Introdução

A participação da cientista política Helcimara de Souza Telles na décima oitava edição do *reality show Big Brother Brasil (BBB)*, levado ao ar pela Rede Globo suscitou efeitos que nos interessam. Tal fenômeno, que representa uma inversão da relação tradicional entre sujeito e objeto científicos, gerou controvérsias no meio acadêmico. A pesquisadora, ao ocupar o lugar na casa do *BBB*, se tornou alvo: do olhar dos telespectadores, do enquadramento dos produtores e da crítica dos seus pares. O posicionamento dos agentes acadêmicos remete às disputas internas das disciplinas, principalmente da Ciência Política e da Sociologia, entendidas como campos ordenados por relações de forças.

O *reality show Big Brother* foi criado por John de Mol, em 1999. O programa rapidamente alcançou índices expressivos de audiência na Holanda. Em 2001, o programa já estava em 21 países, ano em que chegou ao Brasil pela rede de televisão Rede Globo.

O *Big Brother* estreou no Brasil com elevados índices de audiência e polêmicas. Outros *reality shows* já tinham sido transmitidos em rede nacional, mas o *Big Brother Brasil*, BBB, sigla que se popularizou no país, é o de maior longevidade. A essência do jogo é confinar adultos numa casa completamente monitorada por câmeras. Competições e eliminações fazem semanalmente o duelo dos competidores que vão para a votação popular por telefone e internet, chamada no Brasil de “paredão”. Os competidores que permanecerem na casa após várias semanas de confinamento, ou seja, que não forem eliminados nas votações, conquistam o direito de disputar a final concorrendo a uma premiação

em dinheiro. O mais votado no dia da final é o campeão da edição (ALMEIDA, 2017).

Como já dito anteriormente, a edição de 2018 teve como participante uma professora universitária de Ciência Política. Dois dias antes da estreia do programa houve o anúncio de Helcimara Telles nas redes sociais, assim como dos demais participantes. O fato de uma pesquisadora renomada das Ciências Sociais estar nesse grupo movimentou um público, nas redes sociais, que, normalmente, pouco se agita com a estreia do BBB. Outros participantes com grau de instrução superior (mestres e especialistas) já participaram de edições anteriores, mas uma doutora com competência reconhecida e muito respeito nas Ciências Sociais e, principalmente, no campo da Ciência Política, não.

A inversão da relação entre sujeito e objeto de conhecimento aflorou, a nosso ver, as disputas discursivas nos campos da Ciência Política e da Sociologia a respeito da legitimação do objeto, da hierarquia de temas e da designação do centro e da periferia do campo dessas disciplinas. Considerando que estas áreas do conhecimento experimentam a hegemonia de abordagens institucionalistas e estruturais, com ênfase nos paradigmas da dominação e dos efeitos de poder, interessa saber como a situação atual do tema 'mídia e cultura de massa' nos respectivos campos imprimiu determinado viés aos discursos presentes nesse embate.

O recorte aqui aplicado valoriza as disputas discursivas nas disciplinas acadêmicas em tela e o lugar que o tema da mídia ocupa na hierarquia dos assuntos, enquanto evento societário e de cultura de massa.

Adotamos um referencial que escapa aos limites do paradigma dos efeitos, predominante nos estudos de mídia nas Ciências Sociais. Mobilizaremos o olhar da 'miaculturas' (MAIGRET, 2010) (MACÉ, 2006). Analisaremos o evento em tela não a partir de supostos atributos essenciais da mídia, tipo: reproduzir preconceitos e estereótipos com efeitos alienantes, mas, entendendo-a como dispositivo construído na interação com a sociedade e suas relações de força.

As questões que orientaram a investigação são as seguintes: Quais disputas discursivas aparecem nos *posts* e nos comentários dos agentes

acadêmicos? Quais linhas discursivas sobre o objeto da disciplina são apropriadas e negociadas? Quais argumentos são mobilizados? O que estas disputas informam sobre o atual estágio de formação destes campos disciplinares e sobre o lugar da 'mídia' neles?

Os objetivos a serem alcançados são estes: analisar o conteúdo dos *posts* e comentários procurando traços de reprodução e inovação das linhas discursivas a respeito do objeto e do campo da Sociologia e da Ciência Política. Observar as tensões, contradições e negociações a respeito da legitimidade e hierarquia de temas nestas disciplinas. Refletir sobre a situação da temática de mídia, num viés societário, dentro da hierarquia dos campos.

Aplicamos a metodologia qualitativa de análise de conteúdo (BORDIN, 1994), mais precisamente, de investigação das disputas e controvérsias discursivas, não para encontrar dissimulações, mas para observar como configurações discursivas se constituem buscando uma coerência estratégica, como elas operam no interior de um dispositivo como a rede social e a partir de um dispositivo televisivo como o *reality show*. Interessa identificar a presença de códigos normalizadores de comportamentos, marcando fronteiras identitárias, constituindo legitimidades e sofrendo resistências. Buscamos olhar o conteúdo em tela para apreender as linhas de força discursivas mobilizadas, tendo em vista também, a relação destas estratégias discursivas com a herança histórica das disciplinas.

Sobre o corpus do trabalho, as postagens da 'bolha acadêmica' foram encontradas pela lupa de busca do *FB*, onde os termos "*BBB*" e "Mara Telles" foram digitados. Os resultados são centenas de publicações, mas, quando restringimos a busca a "amigos" há uma redução para aproximadamente 32 postagens, com centenas de comentários.

Outra fonte de análise foi o próprio *FB* da Mara Telles. Suas postagens trouxeram um rico cenário de comentários de colegas da área. Até abril de 2018 foram aproximadamente 57 postagens nesse perfil que se referiram ao *BBB 18*, alimentado pela mesma ou pela filha (enquanto Mara estava confinada).

O presente *paper* está dividido em três partes. Inicialmente abordamos as questões teóricas quanto ao nosso referencial e ao embate discursivo nos

campos disciplinares. Na segunda parte analisamos as postagens no *Facebook* da “bolha acadêmica”. Na última seção analisaremos a percepção da Helcimara Telles sobre o evento.

2. Disputas discursivas nos campos disciplinares: o lugar da mídia de massa

É conveniente descrever de modo preliminar alguns aspectos que caracterizam os campos da Sociologia e da Ciência Política quanto à hierarquia de temas, os critérios de cientificidade, a legitimidade dos objetos propostos e a demarcação do centro e da periferia. Esse olhar poderá indicar as principais linhas discursivas e argumentos mobilizados nas disputas por hegemonia. Nossa preocupação central neste item é localizar a posição que o tema mídia de massa, ou de entretenimento, ocupa na hierarquia de temas dos campos e o significado deste georreferenciamento.

Por campo entendemos uma dimensão da formação social. Dentro de suas fronteiras é possível distinguir as posições dos seus agentes, as organizações, os produtos e os valores ou critérios que regem as suas interações marcadas, fundamentalmente, pelas disputas por recursos, ou seja, pelos capitais específicos, escassos e distribuídos de forma desigual (BOURDIEU, 2012). Os campos, portanto, são configurações relativamente autônomas, habitadas por agentes específicos cujas lutas definem suas fronteiras, legitimam hierarquias, consolidam hegemonias, mas, com espaço para resistências contra-hegemônicas. Por exemplo, dentro do campo acadêmico, composto por instituições de ensino, pesquisa, fomento e publicação, determinados princípios, valores e produtos, enfim, capitais acadêmicos, são reconhecidos e confirmam sua eficácia em detrimento de outros recursos e agentes que enfrentam dificuldade para serem reconhecidos e se afirmarem no campo. Parece pertinente considerar que o discurso é um importante capital disputado no interior de um campo, tanto mais o acadêmico, mais precisamente o controle da hierarquia discursiva que envolve os agentes da fala e o conteúdo dos enunciados.

O campo da Sociologia, assim como ocorre em outras disciplinas, experimenta disputas internas com vistas à contínua constituição do seu objeto, institucionalização das suas regras e a demarcação do centro e da periferia em relação aos seus temas. A luta interna ao campo pode ser entendida como fenômeno normal no processo de autoafirmação de sua identidade, o problema, entretanto, aparece quando os critérios de cientificidade que emergem da luta implicam em barreiras para o avanço do conhecimento. É interessante enfatizar um dos fenômenos que emerge da disputa pela capitalização de recursos no campo sociológico, trata-se do lugar e do estatuto reservado aos estudos sobre mídia de massa.

Dois heranças exerceram importante papel na configuração em tela: a abordagem de Adorno & Horkheimer a respeito da indústria cultural (1985) e a teoria do consumo cultural do Pierre Bourdieu (1996).

Éric Maigret (2010) faz o diagnóstico do prejuízo que a herança bourdiana do 'consumo cultural', somada à crítica negativa de Adorno e Horkheimer, causou aos estudos sociológicos da comunicação na França. Avaliação que vale para a Sociologia brasileira. No caso brasileiro constata-se que o esforço inicial de Gabriel Cohn (COHN, 1973) não encontrou continuidade (ARRUDA, 2007). A ênfase no caráter alienante e ideológico dos meios de comunicação de massa, a partir dos paradigmas 'dos efeitos' e 'da dominação', levaram à simplificação da indústria cultural e a redução dos seus produtos de entretenimento à categoria de 'telelixos'. Tal postura desestimulou o interesse sociológico em pesquisas cujo tema estivesse relacionado à mídia de massa, fenômeno estranho, pois a comunicação é um conceito seminal das ciências sociais, assim como, a forte adesão do público ao entretenimento televisivo deveria constituir-se em fenômeno atrativo para a problematização sociológica. Portanto, não deveria ser difícil a conversão de tais investimentos em capital acadêmico no campo sociológico. Entretanto, as poucas pesquisas sobre entretenimento midiático se limitaram a confirmar a suposta essência dominadora dos meios de comunicação e a natureza alienada do seu público.

A crítica elaborada por Adorno e Horkheimer (1985) à cultura de massa representou um avanço em relação às teses anteriores. Os autores substituíram

o fetiche da técnica por uma variável causal sociológica, a luta de classes. Todavia o exagero no caráter macro estrutural da dominação midiática desvalorizou a construção da mídia como legítimo objeto sociológico, pois, em grande medida seus procedimentos seriam meros reflexos da dominação econômica. A excessiva preocupação normativa levou Adorno a hierarquizar os ouvintes de música, ele separou os *experts*, dos bons ouvintes e dos meros consumidores de cultura, estes, careceriam de “uma capacidade de compreensão estrutural da música” (FLEURY, 2011, p. 21). Adorno deu sua contribuição, portanto, à formação de uma Sociologia da cultura que prosperou em território francês, mas, também noutros centros. Passou a predominar no campo sociológico a perspectiva que atribuía importância exagerada a amplos mecanismos estruturais de dominação inviabilizando a percepção de apropriações autônomas pelos receptores imersos em contextos cotidianos específicos. Prevaleceu a tendência de supervalorizar a dimensão negativa da comunicação de massa. A valorização da complexidade representada pela democratização da experiência estética, ou a atenção às tensões presentes nas práticas populares de recepção e apropriação das mensagens da indústria cultural, tornaram-se exceções periféricas no campo sociológico. Ao contrário, disciplinas como a semiótica, os estudos culturais e a comunicação desenvolveram metodologias, conceitos e teorias sofisticadas para apreender o complexo fenômeno da comunicação de massa (MAIGRET, 2010). Clássico do pensamento sociológico contemporâneo, Pierre Bourdieu reproduziu o paradigma adorniano, ainda que com inovações importantes.

A Sociologia de Bourdieu contribuiu com a valorização da dimensão simbólica como objeto de estudos. A cultura ganhou *status* no campo sociológico ao se desfazer do estigma de mera reprodução da base econômica. Desse novo olhar emerge no campo sociológico o problema da cultura enquanto dimensão produtora de comportamentos. Aliás, um passo importante foi dado no sentido de desfazer a dicotomia entre ‘realidade’ e ‘representação da realidade’. Entretanto, ao seguir a tradição da ‘Teoria Crítica’ de Adorno e Horkheimer, Bourdieu colocou ênfase nos constrangimentos estruturais que pesam sobre o consumo cultural das classes sociais. A tese da reprodução da hierarquia social

pela escola em função da socialização anterior foi retomada por ele nos estudos sobre o consumo cultural. Existiria uma cultura de elite capaz de moldar o comportamento cultural das outras classes sociais. As barreiras para aquisição democrática de competências estéticas seriam, fundamentalmente, de ordem simbólica e não material. A socialização, os códigos incorporados pelo *habitus* ao longo da trajetória social seriam elementos explicativos das diferenças na aquisição dos bens culturais e, até mesmo, da falta de percepção da carência, ou de sentimento de carência, o que deságua na ausência de desejo de cultura (BOURDIEU, 2007) (FLEURY, 2011).

O campo cultural estaria marcado, segundo esse pensador francês, por uma dominação estrutural, uma violência simbólica, enraizada nos conflitos de classe. O conceito de *habitus* tem a pretensão de apreender o movimento de exposição, pelo comportamento dos indivíduos, do que foi por eles incorporado ao longo da socialização; neste processo se daria a reprodução da estrutura de dominação através da manifestação do que foi interiorizado. O conceito de *habitus* tem o potencial de operar como ponte entre as dimensões macro e microssociais, conferindo atenção à estrutura e também a *agency* (KRAUSE, 2013). Contudo, ao vincular as ações dos indivíduos, retrospectivamente à herança estrutural e prospectivamente à reprodução da estrutura, a ferramenta conceitual *habitus*, nas mãos de Bourdieu, não ofereceu abertura suficiente para apreensão das práticas cotidianas de resistência à reprodução das estruturas simbólicas.

A proposta bourdiana de crítica aos efeitos da ‘cultura cultivada’ numa sociedade marcada pela desigualdade de classes, levou à construção do objeto ‘público não cultivado’ cujas práticas culturais foram desqualificadas enquanto resultado da submissão imposta pela indústria cultural. A naturalização do ‘público’ levou ao paradoxo de a crítica ao elitismo cultural se afirmar através do elitismo intelectual e do miserabilismo das massas. Nesta chave ficou difícil enxergar a experiências dos indivíduos com a cultura de massa e com a mídia para além das fronteiras das disposições adquiridas pela condição de classe social (MAIGRET, 2010) (MAIGRET & MACE, 2005). Isso ajuda a entender o

lugar periférico que os produtos midiáticos de entretenimento ocupam como tema no campo sociológico francês e brasileiro, por exemplo.

Tudo se passa como se o olhar pela lente da dominação sofresse da miopia de se ver como sujeito absoluto e distinto, capaz de desvendar a natureza alienante da mídia e denunciar a miséria das vítimas desta estrutura. Elitismo e miserabilismo se reforçam na mesma equação.

A emergência de uma pluralidade de públicos gerou experiências muito diversificadas na apropriação de conteúdos midiáticos, assim como, as variações e inovações no lado da produção realçaram a complexidade da interação entre receptores e indústria cultural. Isso, somado às contribuições advindas da Sociologia construtivista e dos Estudos Culturais Ingleses, tanto apontou os limites da teoria do consumo cultural, quanto, abriu a possibilidade de novos olhares sociológicos sobre a mídia de entretenimento, enfim, emergiram novas resistências na periferia do campo.

A perspectiva teórica por nós adotada se inscreve nessa postura de reação ao olhar hegemônico no campo sociológico. Nossa inspiração mais próxima é o movimento teórico e político-acadêmico intitulado 'midiaculturas'. Esse referencial, que agrega principalmente intelectuais franceses, entende que processos interativos, e não dicotômicos, envolvem as relações de poder entre as mídias e a sociedade². A perspectiva da 'midiaculturas' se inspira nos Estudos Culturais ingleses, na Sociologia Construtivista e na concepção de esfera pública polifônica (MAIGRET, 2010). Ao se opor à herança adorniana e bourdiana, seus autores procuram valorizar a capacidade reflexiva dos públicos em suas práticas cotidianas interativas. Esse ponto de vista valoriza os produtos midiáticos de entretenimento, pois, eles condensam conflitos discursivos por identidade. Os discursos são entendidos como práticas que operam nas interações cotidianas e que são, por elas, desafiados. Trata-se de um jogo tenso que envolve, por um lado, a reprodução dos quadros interpretativos do mundo e seu poder de estabilizar as relações e, por outro, os desafios e resistências que apontam para as transformações da sociedade (MACÉ, 2006).

As relações de força que perpassam o dispositivo midiático são ambíguas, tensas e contraditórias. Entre outros motivos, porque a mídia, em busca da

audiência, opera a reprodução das suas fórmulas, mas, também necessita de inovação (MORIN, 2011); ela almeja tudo representar. A mídia é mais um dispositivo do que um sistema, um dispositivo que engendra ordens discursivas plausíveis, proposições, justificativas que buscam ancorar as ações dos sujeitos rumo às estabilidades, mas, que para fazê-lo precisa, paradoxalmente, iluminar as vozes dissonantes. A complexidade da mídia também é atestada pela sua sensibilidade às mudanças sociais. A mídia, ao menos em parte, é responsiva às pressões advindas da sociedade (PORTO, 2012).

A partir dessa perspectiva é possível olhar criticamente, também, alguns aspectos presentes no campo da ciência política quanto ao lugar que os estudos de mídia de entretenimento nele ocupam. Por outras vias, o que se passa no campo da ciência política, especialmente a brasileira, é um fenômeno parecido com o descrito acima a respeito da Sociologia.

² Para uma análise detalhada do referencial 'midiaculturas' consultar (SOUZA, 2017).

O processo de formação e institucionalização do campo da ciência política no Brasil se fez marcado por um viés de valorização de temáticas institucionalistas³ em detrimento de abordagens societais⁴ (LEITE, 2015). A Ciência Política vivenciou seu percurso inicial de institucionalização no período de transição da ditadura militar para o regime democrático. Envolvidos neste contexto, alguns cientistas políticos elegeram a transição como objeto e ao fazê-lo, valorizaram as instituições no estudo da política brasileira o que gerou controvérsias. A postura que enfatizava a necessidade de pré-requisitos sociais para a instalação da democracia foi suplantada por aquela que valorizava o papel das instituições. Nesse momento surge o institucionalismo no Brasil inaugurando uma nova agenda de pesquisa (Limongi et al., 2015). A preocupação mais saliente desta abordagem era com a democratização enquanto um processo exclusivamente de incremento das instituições antes bloqueadas pelo regime totalitário. Tal escolha implicou em dificuldades para explicar a permanência de comportamentos autoritários num contexto institucional já democrático. A desvalorização precoce da abordagem societal e culturalista limitou as possibilidades de apreensão da complexidade sociopolítica (Mussi, 2014), (Moisés, 1995), (Leite, 2015). As limitações do institucionalismo, ao menos em parte, advinham do conformismo com uma definição limitada de democracia, adequada à matriz schumpeteriana (Vitullo, 2006).

Alguns autores reivindicam, ao menos, um equilíbrio, na forma de uma soma entre os ganhos do institucionalismo e da abordagem societal (PERISSINOTTO, 2004). O mal estar com a hegemonia institucionalista também aparece na proposta de superação das inconsistentes dicotomias entre: Estado e sociedade, representação e participação, empírico e normativo (POGREBINSCHI, 2010). Segundo a autora, olhar a democracia pelo viés social não compromete a relativa autonomia do político. Novas formas de participação podem contribuir para legitimação da representação política ampliada. Portanto, a hegemonia institucionalista, ao fomentar a desigualdade na área, pode comprometer a reflexão sobre a democracia (MIGUEL, 2000). Existe o risco de

15 a 17 de maio, 2019



³ Abordagem que enfatiza a análise das instituições formais do Estado e do governo, tais como: partidos, sistemas partidários, casas legislativas, poder executivo, sistema eleitoral etc.; dando especial atenção às suas regras e seus atores internos, com o objetivo de explicar os processos decisórios no regime democrático.

⁴ Em contraposição ao 'institucionalismo' a abordagem 'societal' ou da 'Sociologia Política', valoriza os atores sociais, suas posições na estrutura social, suas identidades, seus vínculos de classe e trajetórias; entendendo que eles desempenham papel importante nos processos políticos formais. Portanto, relações sociais, culturais e econômicas de: poder, dominação, influência e participação; são consideradas fundamentais para compreensão do processo democrático.

excessivo fechamento teórico e da desigualdade proporcionada pela rígida hierarquia institucional o que gera uma barreira ao pluralismo acadêmico. Esse contexto promove uma situação semelhante àquela do campo sociológico, descrita acima, quanto ao tema da comunicação.

As relações entre a mídia e política não ocupam posição privilegiada no campo da disciplina em tela. Existe uma lacuna deixada pelos teóricos da democracia que menosprezam o papel da mídia (MIGUEL, 2000). As teses da manipulação não foram efetivamente superadas, é comum o exagero no diagnóstico da dependência dos meios de comunicação de massa diante das fontes políticas e econômicas de poder. É verdade que a área da comunicação política tem espaço significativo, mas, a rigor ela se situa na fronteira entre a Sociologia e a Ciência Política, são estudos, em grande parte, de Sociologia Política. De todo modo, os objetos selecionados por esta perspectiva remetem, fundamentalmente, às instituições e aos agentes valorizados pela ciência política. A comunicação política estuda prioritariamente o uso que os agentes políticos fazem dos meios de comunicação, através do horário eleitoral, por exemplo, e o comportamento da mídia durante as eleições ou outros processos decisórios de alta visibilidade. Ainda predomina o paradigma dos efeitos, a maior parte das investigações sobre a relação entre mídia e política mobiliza o referencial behaviorista e busca auferir “o peso dos meios de comunicação sobre a opinião pública” (MIGUEL, 2002: 165). Ao se valorizar o poder dominador da mídia em situações políticas tradicionais, ergue-se uma barreira aos estudos que mobilizam uma concepção mais ampla de poder e que se interessam pela capacidade de resistência dos públicos (SOUZA, 2016).

As disputas no campo social e cultural são anteriores e articuladas ao jogo político institucional. O sistema de valores de uma sociedade, enquanto formação relativamente estável, ajuda a entender a dominação e articula-se às relações de poder pontuais. Os conflitos pelo reconhecimento são alimentados pela distribuição desigual de recursos para acessar as instituições políticas tradicionais e a própria esfera pública. São enfrentamentos que envolvem o poder discursivo, ou seja, a

capacidade de definir-se e, ao mesmo tempo, designar o 'outro'. Ainda que de forma episódica e pontual, Fábio Wanderley Reis, um dos fundadores da Ciência Política brasileira, apontou a necessidade de se analisar as disputas por identidade no âmbito sociocultural, o que exigiria um conceito amplo de poder, como "interação estratégica, ou (...) busca de afirmação de si" em contextos de múltiplas interações e não só as de classe (Reis, 2002, p.14). Valorizar a mídia de entretenimento como objeto das ciências sociais, portanto, pode ser um caminho para apreensão das disputas pela autonomia e identidade. Mas, como estamos vendo, o campo da ciência política é pouco permeável à esta linha de investigação.

As limitações da Sociologia e da Ciência Política quanto à compreensão do significado da mídia de massa talvez esteja associado à dificuldade dos seus agentes em se reconhecerem no processo de autoconstrução de si como uma elite esclarecida em contraposição à audiência midiática como o 'outro' alienado.

Eleger temas prioritários de uma disciplina como estratégia para consolidar sua identidade não constitui em si um problema. Mas, a excessiva valorização do institucionalismo no campo da ciência política acaba por transformar uma escolha teórico-metodológica em critério de cientificidade colocando à sombra aspectos 'societais' fundamentais para compreensão da política e, em especial, da democracia brasileira (LEITE, 2015).

Feira a caracterização dos campos disciplinares quanto as suas disputas e o lugar reservado ao tema mídia de massa, vejamos como essas linhas discursiva ajudam a compreender as controvérsias em torno da participação da cientista política Helcimara Telles no *reality show BBB*.

Manifestações discursivas da bolha acadêmica.

Helcimara Souza Telles cursou a graduação em História na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Ela fez o mestrado na mesma instituição, mas em Ciência Política. O doutorado, também em Ciência Política, foi na USP (Universidade de São Paulo). Ela realizou estágio pós-doutoral na Universidad Complutense de Madrid e na Universidad de Salamanca. Foi professora visitante na Universidad de Salamanca e na Universidad de Santiago de Chile (USACH).

Atualmente ela é professora do Departamento de Ciência Política da UFMG e Diretora da Regional Sudeste da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), ela também coordena o Grupo de Pesquisa de Comunicação Política e Comportamento Eleitoral. A principal linha de pesquisa de Mara Telles é o comportamento eleitoral, portanto, é pertinente situá-la na disciplina de Sociologia Política. Enfim, considerando sua temática de estudos e não o capital acadêmico que ela acumulou, é correto dizer que ela não ocupa o centro do campo da Ciência Política, em que pese o cargo que ocupa na ABCP.

No dia 18 de janeiro de 2018, quando o *BBB* começa a divulgar seus participantes da edição 18 do reality show, a *time line* do *FB* da nossa “bolha acadêmica” das Ciências Sociais fica exaltada com a participação de uma Cientista Política da UFMG no *BBB*. Vários colegas da Sociologia e da Ciência Política fizeram postagens e comentários sobre Mara no *BBB* 18.

Um professor de Ciência Política da UNIRON (*print* abaixo) optou por um tom descontraído e reproduziu a postagem do amigo cientista político que brincava com a possibilidade de Mara Telles popularizar teorias acadêmicas em rede nacional aberta. A reprodução anunciava: “Agora todo mundo vai saber o que é Lei de Duverger e Taxa de Coalescência”.

Da série: A ciência política brasileira não fala de outra coisa rsrs...

Recebo a seguinte mensagem via whats de um amigo cientista político que mora no Sul:

"Você viu que a Mara Telles estará no Big Brother? Agora todo mundo vai saber o que é Lei de Duverger e Taxa de Coalescência". 😄😄😄😄



Uma autora de comentários na postagem acima, bacharel em Direito e especialista em Psicopedagogia, concorda com a possibilidade de a Ciência Política ganhar visibilidade com a presença de Mara no programa: “nem a conheço, mais (sic) é uma esperança que vejo para o Brasil aprenda a falar sobre o assunto. Quem sabe né?! Veio em hora oportuna”. Mas, seguindo a tendência da maior parte dos comentários na bolha acadêmica, ela completa com um viés de desconfiança e preocupação com a escolha da emissora por uma pessoa do meio acadêmico: “Espero que ela não sofra influência da “mídia” para falar X ou Y né?! Será?”. Fica evidente a suposição de que o poder da mídia seria capaz de impor um comportamento até mesmo a uma intelectual. Diante de uma resposta que indica ser impossível alguém fazer a Mara falar o que ela não quer, a comentarista completa: “ahahha assim espero. Mas você há de concordar comigo que na Globo não se pode confiar no quesito usar o poder que tem para manipular situações que lhe favoreçam. Enfim”. Na sua réplica o interlocutor acabou por concordar com o poder de manipulação da Rede Globo e ainda desqualificou a TV como objeto de estudo: “mas parece que é isso mesmo que eles querem. Barraco com o tema política. E eles têm o poder da edição. Uma coisa será o que ela diga, outra o que

vai ser publicado pelas edições que fizerem. De todas formas, vai ser interessante. Também podem utilizar o programa como um termômetro eleitoral diferente aos instrumentos tradicionais como as pesquisas de opinião”. O tom do comentário destoa da postagem original descontraída. O olhar é de indignação com a presença do tema ‘política’, pelas mãos de Mara, num lugar estranho e subalterno, um espaço de ‘barraco’. Mas, após mencionar o poder de edição e manipulação da emissora, o comentarista considera que pode ser interessante observar a presença da política na casa do *BBB*. Essa linha de reprodução do paradigma dos efeitos foi recorrente. É interessante que a linha argumentativa que recorre à tese da manipulação não atenta para o fato de que o ‘outro’ é construído como vítima da trama. Quem profere o enunciado aparece sempre como o ‘esclarecido’, membro de uma elite intelectual capaz de elucidar o esquema maléfico. Ao ‘outro’, geralmente pobre, com baixa escolaridade, trabalhador, ou, simplesmente alienado, não é concebido o atributo da reflexividade. Também é significativo que os agentes que ocupam os extremos do espectro político, à direita e à esquerda, sejam os principais denunciadores do poder de manipulação da mídia contra o seu grupo político (GOMES, 2016).

No corpus analisado foi recorrente a linha discursiva de desqualificação do *BBB*, mas, acompanhada de uma avaliação positiva de Mara e de sua decisão por integrar o programa. A postagem abaixo é de uma professora de Ciência Política de uma universidade pública do sul do Brasil, ela se diz interessada em ver o desempenho da Mara, mas desqualifica o programa.



PqP, a Mara Telles no BBB!!!! Pela primeira vez estou com vontade de ver essa M*****.

 Você,

e outras 15 pessoas

16 comentários

 Comentar

 Compartilhar

Essa postagem recebeu comentários que intensificam a linha de desqualificação do programa, não só como entretenimento, mas, como objeto de estudo, e também a

atitude da Mara Telles. Um professor com longo percurso na Sociologia, profissional de uma universidade pública do sul do Brasil, que participou de comitês de avaliação do Ministério da Educação, expôs seu pensamento em tom elitista: “Pesquisar o *BBB* com um país pegando fogo é pura perda de tempo, participar então é falta de ter o que fazer. Deus me livre, tem muita bobagem neste mundo”. E continua noutro comentário: “... quem é Mara Telles? Eu tenho uma resposta provisória, não é quem a gente pensava que fosse. Se for quem a gente pensava que fosse me entristece ver colegas da Ciência Política encantados com isto. Aí, bom aí é a decadência de uma ciência que começa a se consolidar no Brasil. Tanto esforço pra que meus amigos?” Segundo o professor, a participação da Mara não apenas a desqualifica enquanto intelectual, mas, à própria Ciência Política, tanto mais se ela consegue angariar simpatias de colegas da disciplina. A professora responsável pela postagem relativiza o argumento do colega e avança um discurso de valorização do objeto:

Não sei qual a motivação dela, mas acho que alguns fenômenos de massa devem se melhor compreendidos e não apenas descartados. Eu acho um horror a ideia de ficar numa casa com gente horrível sem nada a fazer; mas sinceramente, acho que uma pessoa inteligente na grande mídia pode fazer mais pela reflexão social do que jamais faremos em sala de aula. Dê uma chance ..., ela tem o direito de fazer o que acha melhor e não é a ação de um profissional que coloca em risco uma ciência consolidada. A surpresa de todos é compreensível, quem podia imaginar uma intelectual respeitável ir ao *BBB*? Vamos ver como será.

Na sua réplica o professor insiste na linha de argumentação que desqualifica o programa, seus espectadores e a atitude da Mara pelos efeitos negativos que provocará no seu campo científico, segundo ele:

“...o respeito conquistado com muita luta pela Mara durante uma vida de trabalho não permite que ela entre num dos piores e mais tenebrosos programas da televisão. A questão não é moral, é de nível mesmo, não vai além da linha da cintura. Não discuto o direito de se equivocar, nem dela, nem meu, mas pra mim ela põe tudo a perder o que conquistou. Não vou vê-la, porque o respeito que tenho por ela, por mim e pela ciência que ela pratica não permitem. É um programa que não merece ser visto por ninguém minimamente alfabetizado. Dizer que ela poderá atingir mais gente do que conseguimos em toda nossa vida de sala de aula é uma bobagem sem tamanho, vai atingir com certeza, mas isto não é o ponto, o ponto é com que nível de debate?

Outros comentários desta postagem seguem a linha discursiva de menosprezo do produto cultural *BBB*, promovendo uma espécie de naturalização e essencialização elitista do mesmo.

A partir de uma postagem na página da Mara, feita pela sua filha, onde seu perfil é apresentado para o público, foi possível identificar várias manifestações de alunos e ex- alunos dela. No geral os comentários deste público usam o tom bem humorado, são de apoio à iniciativa e incentivo para desempenho no jogo. Um aluno imagina a reação dos conservadores: “Gente.... que babado!!! Vai ter vida inteligente no *BBB*!!! Vai ter Mara Telles ... Rá !!! O eme bê lê [MBL] vai fazer campanha para o paredão !!! Morri kkkkkkk”. Outros mencionam que, por ela, teriam que assistir ao programa, mas, alguns não perdem a oportunidade de desqualificar a emissora e o *BBB*, como esta assessora parlamentar: “Você vai me forçar a assistir essa merda”? É recorrente o olhar positivo para o fato de o seu conhecimento intelectual ser colocado à disposição de todos. Vários seguiram esta linha de valorizar a ampliação do público da Ciência Política, como nessa fala de outro aluno: “Mara Telles vai dar aulas de política no *BBB*, o Brasil Precisa disso”. Ou nessa de um professor de universidade pública em Minas Gerais: “Vida inteligente na TV!!!! Mande ver”! Um ex-aluno, cientista político, usa um enunciado antropológico, em caixa alta: “CIÊNCIA POLÍTICA VAI AO CAMPO”.

Noutra fala, de um ex-aluno e jornalista, identificamos a torcida pela estratégia política à esquerda: “Professora terei que assistir o *BBB* e tô na torcida e claro na expectativa de ouvir um Fora Temer e vc fazer aproveitar e desmascarar o golpe dentro da emissora golpista”. Outros reproduziram a reflexão sobre o significado estratégico do evento, mas, invertendo o agente da trama: “[...] sou surpreendida com o anúncio da teacher meio 'porra louca', lulete, denunciadora do golpe e feminista participando do *BBB*. Deve ser estratégia globista pra gente postar *BBB* no lugar de "eleição sem Lula é fraude". Na mesma linha argumenta esta ex-aluna e jornalista: “Grande cartada da rede golpistas, Mara que me desculpa mas não vou assistir este programa desta emissora, colaborou no golpe e continua apoiando o governo ilegítimo. Fora Temer e fora rede golpistas”. De todo modo, parece que os comentários se diferenciam de acordo com a posição

hierárquica do agente no campo das disciplina em foco. Quanto mais periférica a posição, mas, o agente tende a festejar a iniciativa da Helcimara Telles. Inversamente, quanto mais elevada e central a posição do sujeito no campo, mais restrições e adjetivações negativas ele atribui ao evento.

Enquanto alguns intelectuais viram um grande prejuízo para a ciência com a participação da Mara no *BBB*, essa professora de uma universidade confessional de Minas Gerais faz outra leitura ao comentar a mesma postagem:

“Ao invés de fazer uma crítica elaborada à posição de uma "cientista" que cede ao que os intelectuais mais desprezam, vou dizer que essa é uma cinquentona com a cabeça jovem!!! O fato é que o mundo não regressará às subjetividades introspectivas e centradas na palavra apenas escrita (tal como foi a constituição da subjetividade moderna). Os jovens são inquietos e se comunicam muito mais por imagens do que por textos. Eles funcionam melhor quando estão conectados, gostam da gratificação instantânea dos *likes* que recebem nas redes sociais. Como mudar isso se são nativos digitais??? Enquanto isso os mais velhos resistem em aceitar sua obsolescência e com isso perdem a oportunidade de utilizar das tecnologias para comunicar de outras formas. Esses são uma espécie em extinção!!! Pois, confesso que vou assistir o *BBB* desse ano só para ver como a ciência política vai ajudar Mara a se virar na selva de pedra da competição [...] Nunca desprezo um saber só porque não o domino, dando valor moral apenas ao meu, como se tivesse uma régua para medir o valor do saber que é digno ou não...Mara é corajosa viu!!! [...] Bom, Jean Willis era um professor universitário que se arriscou e ganhou. Hoje é um dos políticos que admiro. Inteligente a ponto de funcionar como um exército contra a homofobia (sendo apenas um) dentro daquele congresso machista que discrimina não só os gays, mas as mulheres também. Vou torcer por Mara até porque ela é uma mulher e está fazendo seu combate com a coragem de expor sua imagem [...]”.

Nessa fala fica transparente a crítica à postura tradicional da academia e dos seus intelectuais que não percebem o quanto o mundo midiático e digital está envolvido na configuração de novas subjetividades. A professora é otimista quanto à possibilidade de a Ciência Política funcionar como ferramenta competitiva no *BBB*, lembrando inclusive o emblemático caso do Jean Willis, professor que venceu uma das edições do *reality show* e converteu o capital midiático em recursos políticos ao se tornar deputado federal defensor das causas LGBT. Realmente é de se estranhar o esquecimento por uma parte da academia da herança sociológica que valoriza as práticas cotidianas e reflexivas. Para não citar muitos, esse olhar esteve em Simmel, no Marx dos confrontos de classe na França, no Durkheim das práticas religiosas e, mais recentemente, em Goffman. Sem falar na importância

que Weber deu às disputas que envolvem os sistemas de valores de cada época e seu papel na construção da dominação. Sem falar na preocupação de Gramsci com o papel da cultura na construção de práticas hegemônicas e contra-hegemônicas.

Um professor de Filosofia Política da USP que já ocupou um cargo importante no governo federal e que tem posição elevada no campo acadêmico, mais especificamente na Filosofia, fez algumas postagens na sua conta pessoal do *FB* sobre a presença de Mara Telles no *reality show*. Esse professor tem forte interlocução com as Ciências Sociais, mas, é evidente que não ocupa um lugar no centro do campo da Ciência Política. É dessa posição periférica, portanto, que ele lança um olhar interessante. No dia do anúncio da cientista política no *BBB*, ele demonstra apoio ao afirmar: “Admiro na Mara Telles a coragem. Escreve *posts* engraçados aqui no *FB*. Disputou e ganhou a presidência da Ciência Política regional Sudeste. É uma pesquisadora de mão cheia. E agora mete as caras no *BBB*! Eu a apoio. E espero que ela se divirta lá”. Ele não identifica nenhum problema no trânsito da academia para a mídia, não manifesta nenhuma estranheza. A postagem teve mais de 600 curtidas e comentários de professores de várias áreas de inúmeras universidades diferentes do país.

Um professor de Ciência Política da UFMG que ocupa importante posição no campo contraria o apoio do filósofo. Ele alega que houve exagero e considera a atitude de Mara uma derrota para a Ciência Política: “Por favor, não precisamos ver beleza em tudo que vem do nosso campo político. Isso é bizarro. Capitulação, diríamos outrora”.

Às vésperas do “paredão” em que a cientista política está para sair do jogo o professor de filosofia novamente faz uma postagem de apoio a Mara Teles:

Por que apoio Mara Telless, eu que nunca vejo o BBB? Antes de mais nada, porque é uma cientista política que não teve medo de ir onde está o povo. Porque o imaginário de quem vê o BBB não tem nada a ver com os intelectuais, mas é parte (não o todo) do imaginário popular. Não fico lendo que é preciso ir ao povo? Pois essa é uma maneira. Ou vamos ficar brincando de classe trabalhadora que é boa como um selvagem rousseauista? Gente, houve Freud. Ele mostrou que o ser humano não é a lindeza de Rousseau. E também li um certo Sartre. Nas Mãos Sujas, ele mostra um intelectual comunista, que é só leitura, discutindo com um dos líderes do partido (que o intelectual acha um traidor). O líder lhe diz:

- Você gosta de um operário teórico, idealizado. Eu gosto dos operários como eles são, com o que têm de bom e de ruim. Encho a cara com eles. Eu não concordo que para defender uma causa esta tem de ser a causa de gente pura, perfeita. Mara teve a coragem de ir na direção oposta da pureza acadêmica. Isso é bom e necessário, se vc quer mexer com a sociedade e a política.

Essa postagem atingiu quase mil curtidas, mais de 80 compartilhamentos e centenas de comentários, a maioria de apoio ao *post*. Interessante que ele abre a sua fala com um argumento antielitista, a seu modo percebe que a Ciência Política é a mais elitista das Ciências Sociais. Em seguida ele lembra algo consolidado na tradição dos Estudos Culturais Ingleses, fonte dos Estudos de Recepção Latino Americanos, ou seja, que para entender as disputas culturais por hegemonia é preciso observar as interações da sociedade, inclusive das classes populares, com os produtos culturais e, em especial, com aqueles que se oferecem à experiência estética democrática. Ele conclui o discurso criticando a idealização intelectual das classes populares que, apesar das intenções críticas, acabam por essencializar o 'povo' real como dominado. Enfim, ele vê algo difícil de ser observado pelos agentes supremos do campo da Ciência Política, a coragem da Mara em se expor e expor esse campo disciplinar ao aproximá-lo de um jogo popular e midiático de poder. Ao suspender a condição de sujeito de conhecimento da Ciência Política e se misturar com os jogadores do *BBB*, Mara se tornou objeto dos olhares da sociedade, mas, com a identidade de acadêmica do campo da Ciência Política; ela fez a disciplina virar objeto junto consigo. Essa espécie de perda da aura é o que, aparentemente, se revelou incômoda.

Na mesma linha discursiva um cientista político destoa do tom hegemônico no campo: "Mara Telles é uma tentativa de desconstrução acadêmica que melhor funciona nos muros universitários. Quis mostrar que o Cientista Político deve/pode ocupar todos os espaços, inclusive na esfera pública. Assumi o jogo! Só achei que foi autêntica demais, desde cedo. Mas vamos votando e torcendo para ficar um pouco mais na casa. [#GoMaraTelles2018](#)".

Uma segunda fala fora da curva dos discursos originários do campo da Ciência Política é o de um cientista político assessor de vereador em Belo Horizonte. Ele fez uma postagem com mais de mil curtidas justificando sua audiência ao *BBB*.

“As pessoas estão tão irritadinhas com a participação da Mara Telles no Big Brother que agora eu tenho dois motivos para acompanhar o programa. O primeiro deles é o fato de eu gostar da Mara. Acho-a divertida, inteligente, bacana. O segundo são vocês, que estão irritados, nervosos, sofrendo, chorando no banheiro ao som de everybody hurts no repeat, tomando danoninho com maracujina intravenoso pra acalmar os nervos pq uma professora doutora do campo de esquerda tá participando de um programa que vcs criticam todo fucking ano pra provar pra todo mundo que vcs são esquerda antenada consciente e culta. Do outro lado da internet a direita também tá rasgando o cu com a unha pq a globo pralha resolveu fazer doutrinação comunista naquele programa satânico que aliena a juventude que poderia estar protestando contra a corrupção e rouba a inocência das creanças exibindo gente seminua e sexo explícito debaixo do edredon. A única coisa realmente boa sobre o Big Brother é o fato de ele ser odiado de forma militante e diligente por gente chata pra caralho de todos os espectros político-partidários. Portanto vou assistir Big Brother pq gosto da Mara e tenho ojeriza de cagação de regra. Se vc não gostou, me desculpa, mas não ligo. P.S. Sei que a Globo é um conglomerado do mal, mas a Philip Morris tbm é e eu to fumando um delicioso marlboro enquanto escrevo estas linhas, abraço.

A seu modo o autor do *post* mobiliza a linha discursiva de crítica ao elitismo da disciplina e de contraposição às posturas militantes de esquerda e de direita que se limitam a ver a mídia como inimiga dos seus interesses, conforme já analisado aqui.

Um mestre em Ciência Política, mas, doutor em Ciências Sociais, colunista político de rádio e professor de Direito, ou seja, alguém que não ocupa o centro do campo, fez uma postagem de defesa da Mara e de crítica ao campo da Sociologia. Aliás, ele considera que a Mara Telles é mais socióloga do que cientista política. Ele justifica essa localização ao entender que seus objetos de estudo e suas análises a colocam na Sociologia Política. De todo modo, ele também mobiliza a linha discursiva da desconstrução da disciplina através da atitude de Mara Telles.

Uma socióloga no BBB. A nossa profissão ganhou aura de aristocrática em nosso país. Resultado da implantação da USP e dos sociólogos de proa, o que envolve o famoso "Príncipe". As reuniões da ANPOCS, em outubro, sempre foram uma espécie de debut para os estudantes da área. Ali, descobriam o glamour da profissão que estavam palmilhando. Eis que Mara Telles vai para o "tudo ou nada". Não se trata de qualquer socióloga. Acaba de se eleger diretora para a região Sudeste da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP). É conhecidíssima nas redes sociais. Aliás, espaço que já revela o seu perfil. (...). O que Mara pretende - além de se divertir e, com certeza, se divertir com a cara que nós, sociólogos, estamos fazendo desde ontem - ao se expor diariamente na telona da Globo? Um "tudo ou nada". Se for algo como Jean Wyllys mais engajada e divertida, Mara transformará a imagem da sociologia em nosso país. Fará uma pequena revolução profissional - imagino -, mais intensa que as tantas tentativas dos antropólogos para parecerem descolados. (...).

Essa postagem teve mais de 300 curtidas e 48 compartilhamentos. Em meio aos comentários sobre os aspectos positivos e negativos do episódio, ficou evidente que alguns sociólogos se incomodaram com a colocação dela como colega de disciplina. Como vemos nas palavras de um professor de Sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFG): “os sociólogos podem ficar tranquilos. Ela é conhecida como cientista política”.

Nessa mesma postagem um professor de Sociologia da UFPel, doutor em Ciências Sociais, se mostra cético quanto a participação de Mara Telles, pois acredita que o programa e seus participantes não contribuem socialmente nem politicamente: “O BBB é um programa com várias regras de produção e ela não vai poder se manifestar com tanta ênfase política. Além do mais, no programa passado tinha um participante que era militante do PT na casa e pós-golpe. Qual msg que deixou? Qual legado? Em suma, o significado da participação dela no BBB, por enquanto, é apenas um: mais uma pessoa que participará do BBB”.

A tensão entre a Ciência política e Sociologia é retomada numa postagem, em tom de brincadeira, feita por uma professora de Ciência Política do IESP: “a Sociologia tem um ex-presidente, tá. A Ciência Política terá uma ex-BBB!!” A brincadeira é respondida por uma pós graduanda em Ciência Política: “Ninguém mais pode acusar a Ciência Política de caretice.”, dando a entender que a entrada de Mara Telles no BBB tornaria a área descontraída. Outro comentário nessa postagem é de um professor da UFTO, também da Ciência Política da UFTO, ele revela que até participaria do programa, mas com o objetivo de ganhar tempo para leitura demonstrando que não se relacionaria com demais participantes, pois, como cientista político não teria paciência pra conviver com os demais.

O filósofo, já mencionado nesta análise, replica na sua página do *FB* uma crítica que recebeu do blogueiro e colunista de cinema Inácio Araújo. Na sua coluna o crítico diz discordar do otimismo do filósofo em relação à televisão, por consequência, da sua defesa do *BBB* e da participação de uma cientista política nele. Ele completa o argumento dizendo:

Não vejo nos programas de TV nenhuma expressão do que seja o país, mas uma progressiva distorção dos costumes e ideias. E, francamente, acho difícil alguém me convencer de que os programas de TV de propaganda do policialismo animalesco expressem preocupações legítimas da população. Eles me parecem,

antes, lavagens cerebrais que levam as pessoas a observar o mundo a partir de um aspecto. E são as pessoas mais vulneráveis, que menos podem se proteger, seja dos bandidos, seja da mídia (ARAÚJO, 2008).

Transparece a linha discursiva que naturaliza a mídia e, com tom elitista, vitimiza as classes populares entendendo-as como 'as mais vulneráveis'. Na sua resposta o filósofo argumenta:

Bem, eu discordo do Inacio, assim como ele discorda de mim. A dramaturgia da Globo é boa e tem momentos bem elevados. Dá para enumerar pelo menos uma dúzia de novelas mto boas e um número ainda maior de novelas que atacaram o preconceito - contra negros, mulheres, homossexuais, síndrome de Down, muita coisa mesma. O que é dose são os noticiários e as mesas de "debate". E em alguns canais o que falam da educação básica é mto bom.

O enunciado que procura valorizar a complexidade da mídia reaparece aqui, principalmente quanto aos seus produtos de entretenimento.

Vejamos agora como a própria Helcimara Telles percebeu a sua participação no controverso evento.

A percepção de Mara Telles.

O evento da participação de Mara Telles no BBB é carregado de significados, entre eles está a metáfora da pesquisadora de comunicação, sujeito de várias pesquisas, que transita para o ambiente do objeto de estudos. Nesse trânsito a cientista política passa a ser observada por seus pares de academia e pelo público em geral. O evento se faz mais rico e complexo ao atentarmos para o fato de que se trata de um *reality show*, ou seja, uma dramaturgia que se quer realidade. Mara Telles relata que foi convidada a participar do programa pelo seu perfil e interações, por quem ela é no seu cotidiano de professora, pesquisadora, mulher e ativista nas redes sociais, mas, também porque nela foi percebido, pelos produtores do programa, um potencial para se transformar num personagem com enredo. Nas suas palavras:

(...) o meu perfil é um perfil difícil de se inscrever, uma professora de Ciência Política, doutora e com uma carreira sólida (...) além disso algumas características da minha personalidade e eu já tinha um grande número de seguidores nas redes sociais, (...) não era pequeno em se tratando ser uma pessoa dentro da universidade. Um perfil considerado polêmico e bem humorado. (...) existem bastante Youtubers assim, até de esquerda, mas poucos professores que estão nas redes sociais produzindo um diálogo e interação. Foi isso que fez com que os produtores se interessassem no meu perfil.

Ela afirma que inicialmente resistiu ao convite, mas, o espírito investigativo a levou a participar das etapas preparatórias:

(...) fui me submetendo a uma série enorme de testes pra participar no programa. Então eu não escolhi, o programa que convida as pessoas pra serem testadas pra ver se tem o perfil desejado pra comporem um elenco (...) e esse elenco tem que produzir uma história.

A televisão na América Latina é fundamental no diálogo: na interação e na manipulação, ou seja, há essas duas perspectivas. E a Globo seleciona as pessoas para participar do programa como se fossem parte de um elenco. Tem que contar uma história. O BB segue o ritmo de uma novela (...).

Sua seleção, portanto, está relacionada com o fato de ela ser uma cientista com intensas interações fora da academia e através das redes digitais. Como foi mencionado nas postagens da seção anterior, essa característica destoa do perfil hegemônico no campo da Ciência Política, que preza por um distanciamento das redes sociais, mas, principalmente do entretenimento popular televisivo. Na fala transcrita acima, Mara concorda que a mídia não tem uma única característica, não é exclusivamente reprodutiva da ideologia dominante, ela também produz interação e através dela se constitui. A abordagem estrutural ou sistêmica não dá conta de apreender essa complexidade da mídia. Enfim, ela explica assim sua participação no programa:

(...) ir ao BBB é um ato de coragem, pois é muita exposição (fisicamente e psicologicamente). Eu previa que a comunidade científica, especialmente dos cientistas políticos, seria impactada. Mas que não fui participar com esse objetivo. Eu fui ao BBB, pois ali era um espaço onde eu poderia falar de assuntos importantes e com visibilidade (...) e em segundo lugar, por ser um programa que eu já seguia há muito tempo, sempre assisti, sempre achei muito interessante. Aquilo ali é um jogo, as pessoas estabelecem estratégias. A Globo tem tratado o programa como *game*, o público brasileiro que ainda resiste a esse formato. Tal público, às vezes, acaba punindo o participante que é um jogador. O público, encara o "jogar" como algo ruim. Eticamente não aceitável.

Essa percepção da aversão do público ao jogo, como algo eticamente reprovável, não deixa de ser um achado da sua experiência. Talvez exista alguma relação desta postura com o atual enquadramento midiático da política pelo viés da corrupção e da desqualificação dos típicos agentes políticos.

Ela diz ter percebido que nas edições mais recentes os produtores do programa têm investido na polêmica, no conflito, mobilizando a estratégia de escolher pessoas mais 'reais'. Ele percebe que a mídia é, ao menos em parte,

responsiva as transformações e pressões da sociedade. Segundo ela, os avanços dos movimentos por direitos humanos e sociais gerou impacto nas instituições e também na TV que se quer representante dos interesses da sociedade. Portanto, para os responsáveis pelo *BBB*, “quanto maior a polêmica entre brancos, negros, mulheres, homens, humildes e intelectuais, melhor”.

Questionada se a sua visão sobre a Rede Globo mudou após a experiência no *BBB*, ela responde que ‘não’ e relata o processo complexo de seleção e de preparação para a efetiva participação no programa. Nesse processo ela chegou a ser questionada sobre suas postagens que denunciavam a Globo como ‘golpista’. Ela respondeu aos produtores que, a seu ver, a Globo tinha uma linha editorial neoliberal e que, efetivamente, no passado e no presente ela apostou numa ruptura institucional. Entretanto, ela pondera que:

(...) do ponto de vista de entretenimento a Globo é a TV mais progressista do país.
(...) A emissora introduziu no país temas importantes como questões de sexualidade, beijo gay, do racismo, embora a participação de negros na emissora ainda seja minoritária. (...) A Globo tem trabalhado na desconstrução e estereótipos.

A este respeito, Mara lembra também que a Globo sofre campanhas de retaliação tanto à esquerda, por exemplo o #GloboGolpista, quanto à direita, com o #GloboLixo. Isso já é um indicador da complexidade midiática. Os externos do espectro político não se sentem representados nas telas, pois, a mídia tem como alvo principal o espectador médio, aquele que está mais próximo do centro no espectro político e, em grande medida, partilha o sistema de valores hegemônicos, ainda que esse não seja estático.

Ela afirma que a emissora, portanto, tinha ciência da sua opção política, assim como a Gleici do Acre que trabalhava com movimentos sociais, ambas de esquerda e filiadas ao Partido dos Trabalhadores. A jovem do Acre, aliás, venceu essa edição do *BBB*. Mara entende que os produtores buscam para o programa um elenco representativo da diversidade social e política, até por estratégia comercial, cujo sucesso depende da audiência. Isso contribui para o caráter não unidimensional e complexo do programa. A escolha de um elenco mais politizado também contribui, segundo ela, para a superação dos limites das edições

anteriores, e isso passa inclusive pela questão estética, com a seleção de corpos fora dos padrões do mercado sexual, 'corpos não marombados'.

Sobre a reação da academia a percepção de Mara é próxima da nossa a partir da coleta nas redes sociais. Primeiro ela afirma que foi menor do que imaginava. Ela ficou impressionada com a quantidade de pessoas que "saiu do armário" e declararam gostar do programa. Ela relatou inúmeros casos de alunos na UFMG que elogiaram sua participação, além de acadêmicos de outras áreas que a param nas ruas. Mara concorda que houve uma variação na reação dos agentes do campo acadêmico e que tal fenômeno está relacionado com a hierarquia do campo. Cientistas Sociais foram mais severos e docentes com mais experiência e maior nível de formação também tiveram as reações negativas mais intensas. Enquanto que pessoas de outras ciências e, principalmente os alunos, tiveram reações positivas e de apoio: "... os estudantes amaram, fizeram torcidas organizadas. (...) Alunos que relataram que compraram pay-per-view pra assistir".

Relacionando as reações dos alunos ao tratamento do tema 'mídia popular' no campo, ela diz: "Como há uma crítica quanto a cultura de massas, eles [alunos] vieram me contar que nunca tinham assistido e passaram a assistir por minha causa.(...) usavam o argumento 'mas depois eu gostei e continuei a assistir'".

Sobre a reação negativa vinda, principalmente, dos agentes com maior capital nas Ciências Sociais, ela afirma: "Você está querendo colocar como é que um cientista deve ou não se divertir, seguindo os padrões morais e elitistas". Segundo ela, o paradigma que legitima o gosto intelectual associado, exclusivamente, à chamada cultura refinada precisar ser quebrado: "Vários alunos me disseram 'professora, você rompeu com a Torre de Marfim'. (...) Muitos alunos da graduação e da pós vieram me dizer que se sentiram representados". Mara diz que não procurou as críticas negativas nas redes sociais, mas sabe de que muitas vieram de dentro das universidades, "daqueles que acham que os intelectuais não podem participar de programas de entretenimento, pois, são de cultura popular, o que seria inferior à cultura erudita e acadêmica. Senti de parte da academia enorme desprezo por tudo aquilo que é popular (...), é o desprezo da cultura popular, como se o povo brasileiro não conseguisse chegar ao patamar de ouvir

jazz e tomar vinho da safra de 2005”. E completa: “... parte da academia acredita que somos nós brancos, que ouvimos música boa, entendemos francês, que falamos outras línguas, que somos diferenciados, mas, não é bem assim, [trata-se] de um esforço de distinção”.

Ao ser perguntada se o fato de ser mulher pode ter intensificado as críticas, ela diz que sim, mesmo participando de um programa de pós-graduação avaliado com nota máxima e tendo um currículo Lattes incontestável. Ela dá um exemplo: diz que um diplomata homem participou da edição de 2017 do programa e não recebeu uma carga pesada de críticas. Mas, complementa o raciocínio em tom otimista: “Ainda bem que gerou impacto, que gerou polêmica, assim a Ciência Política [tem a oportunidade] de pensar no processo de criação de conhecimento, de se questionar [sobre] pra quem ela faz esse conhecimento, se esse conhecimento é levado a quantas pessoas. (...) Os pesquisadores mais velhos não estão entendendo o peso das redes sociais com uma linguagem diferente das linguagens dos *papers*, pois o alcance é mais abrangente do que qualquer revista de qualis ‘A’. A ciência política demorou muito pra entrar no facebook”.

Mara afirma ter orgulho de ser uma intelectual mulher que ultrapassa os espaços das salas de aula, e lamenta ter ouvido críticas de caráter elitista dos intelectuais que alegaram que ela estaria se misturando com o povo. Segundo ela um professor chegou a falar: “O que dizer para os alunos sobre uma professora da UFMG no BBB?” Ou seja, repete-se o velho discurso moralista e conservador que busca desculpa na proteção do ‘outro’ supostamente frágil a ser tutelado, ora a criança, ora a mulher e, neste caso, o aluno.

Uma parte das críticas, percebe Mara, veio da esquerda que identifica a Globo com o golpe contra Dilma. Com este grupo ela considera que houve uma reconciliação, por sua postura no programa e pela frase que disse ao vivo ao sair do jogo: “Fora Temer”. Ela acrescenta: “Meu plano não era político, era simplesmente participar de um programa de entretenimento e até levar uma mensagem política. (...) O ‘fora Temer’ foi *top trend* no *Twitter*, (...) “um ‘Lula Livre’ não consegue ser *top trend* no Brasil, ainda mais no mundo”. Também houve a ajuda, para a reconciliação, da Dilma, por ela ter acompanhado o programa e

curtido as postagens da Gleice. A própria presença desta jovem, negra, indígena, possibilitou, segundo ela, que a esquerda ‘saísse do armário’ e aderisse ao *BBB* com um argumento ideológico: ‘agora tem uma de nós lá’. Entende que a Gleice sofreu menos preconceito do que ela, mesmo sendo de esquerda e mulher, por não ser da universidade. Mara considera que deu outras contribuições importantes para o tema das minorias LGBT, mulheres etc., por exemplo, seu ‘rap’ no confessionário. A esquerda acabou se redimindo, pois, “mesmo o programa sendo ruim, considerado lixo cultural, você pode usar ele pra coisas produtivas e boas pra esquerda”. Ela lembra da edição anterior, quando as feministas tiveram a oportunidade de denunciar o machismo, o assédio e a pedofilia a partir de fatos ocorridos no *BBB*, tudo com grande repercussão e alcance junto a um público popular que dificilmente seria atingido de outra forma.

Mesmo após anunciar a ‘reconciliação’, Mara insiste na dimensão elitista da crítica: “apesar da esquerda falar em nome do povo, ela quer que o povo chegue até sua cultura”, ou seja, não reconhece a legitimidade da cultura popular e a capacidade de apropriação da cultura midiática pelo povo. Ela concorda que existe uma carência de investimento teórico da Ciência Política sobre essa temática da cultura popular e seu significado para classes populares. Segundo ela ainda existe um resquício de vanguarda militante na esquerda, uma reprodução da ideia de que é preciso ‘levar a cultura’ para o povo. Nesse momento ela elogia os intelectuais norte-americanos que participam de *talk shows*, vão para mídia, seja ela conservadora ou progressista. Ela completa o raciocínio: “o docente brasileiro, mesmo que tenha um discurso da igualdade, ainda assim, exala elitismo das classes abastadas que compõem ainda essa elite intelectual. (...) As principais críticas que ouvi são regionalizadas, de São Paulo, de classes não populares. (...) O *BBB* tem algo interessante [apresentar o cotidiano] de seres normais, numa vida normal, e se colocar como um deles coloca a academia próxima ao povo, isso pode ter ressentido alguns intelectuais, de serem colocados próximos demais ao povo”.

Na sua avaliação Mara considera que o saldo da participação foi muito positivo: “O público nas ruas, ônibus, tem feito elogios. Abordam a professora nas ruas, abraçam, tiram fotos”; até a relação com os alunos se tornou ainda mais

próxima e com maior identidade. O aspecto mais negativo esteve na atitude de algumas pessoas da UFMG que passaram da crítica moralista à judicialização do evento.

Considerações finais:

Foi possível constatar através deste estudo que a hegemonia do paradigma dos efeitos na Sociologia e na Ciência Política quanto ao objeto mídia explica a postura de boa parte do campo acadêmico de desqualificação da participação de Helcimar Telles no *BBB*. Esse ponto de vista tende a essencializar o papel dominador da mídia, subjugar a capacidade reflexiva dos públicos e desvalorizar os programas de entretenimento enquanto objetos de estudos científicos. A hegemonia do olhar estrutural ou institucionalista acaba por reservar um lugar periférico para as abordagens societais e culturalistas que valorizem a investigação das disputas cotidianas por identidade, por exemplo, na interação entre mídia e sociedade. Essa postura não confere a devida importância ao poder discursivo que opera a definição de 'si' e do 'outro'. Talvez por isso alguns intelectuais tenham dificuldade de perceber sua própria participação no jogo de definir-se a 'si' em contraposição ao 'outro'. De um lado alguém que elucida, com olhar superior, uma realidade dominadora; de outro as vítimas incapazes de esboçar qualquer resistência, dependentes da ajuda da elite intelectual.

A análise do conjunto de postagens e comentários sobre o evento em tela mostrou a força do paradigma dos efeitos descrito acima. Muitos reproduziram a linha discursiva que confere à mídia um poder manipulador e, ao mesmo tempo, desqualificaram os programas de entretenimento como objeto de estudos. Esse olhar elitista responsabilizou Helcimara Telles pela condução da Ciência Política para um lugar degradante.

O conjunto dos comentários, entretanto, revelou controvérsias. Alguns defenderam a atitude de Helcimara, ainda que desqualificassem a emissora de TV e o programa. Outros reconheceram a necessidade de se observar com atenção o

significado das interações entre mídia de entretenimento e seu público, pois, nem a mídia é um objeto fixo e absoluto, nem o público carece de reflexividade.

Em meio a essa controvérsia foi possível identificar que as falas reproduzem, em grande medida, as hierarquias dos campos disciplinares. Professores pesquisadores mais titulados, com posições elevadas, enfim, detentores de maior capital acadêmico, apresentaram maiores resistências ao evento e proferiram sentenças mais duras contra Helcimara Telles e o significado da sua participação no *reality show*. Enquanto que personagens recém chegados ao campo ou que ocupam posições periféricas nele, como os alunos ou profissionais de outra áreas foram mais receptivos da experiência.

Tudo se passa como se a ala hegemônica da Ciência Política e da Sociologia, reféns do paradigma dos efeitos, ao se verem no *reality show* como se estivessem a mirar um espelho, se tornassem vítimas da sua própria construção normativa, agora numa imagem refletida e invertida. O sujeito absoluto do conhecimento se vê preso no objeto televisivo. Aquele que decifrava a essência da televisão se vê naturalizado por ela. Vendo sua ciência ser conduzida ao lugar que consideram 'telelixo' e dispendo de uma lente teórico que só enxerga a dicotomia entre elite e vítimas; acaba por se ver no lugar daqueles que construiu como miseráveis. Toda sua força se transmuta em fragilidade diante de uma mídia com poder colossal que, segundo essa visão, seria capaz de envergonhar, diminuir e até destruir o status científico diante de um público que, paradoxalmente, aparece agora como poderoso. Na agonia do indecifrável só resta esbravejar contra a própria imagem.

Por seu turno, Helcimara creditou o seu convite para participação no *BBB*, principalmente, ao fato de ela ter construído uma interação forte com o público externo à academia através das redes sociais. Ou seja, sua postura estranha aos costumes hegemônicos no campo acadêmico a aproximaram do *reality show*. Diferente da maioria dos seus pares, ela não essencializa a mídia e percebe o seu caráter responsivo. Qualidade que explica a seleção de um público diversificado para o programa. Público que, segundo ela, atende ao interesse da emissora em

promover polêmicas na casa do BBB, mas, num nível mais elevado do que nas edições anteriores.

Helcimara considera que a experiência foi exitosa, inclusive quanto às tensões que gerou com a esquerda, pois, ao promover a politização da sua participação ela acabou se reconciliando com esse grupo político. Enfim, ela valorizou o objeto mídia de entretenimento se contrapondo ao elitismo acadêmico.

Referências

- ALMEIDA, Tatiane S. de. **O “paredão” está formado. Violência de gênero no BBB 16: análise das disputas discursivas, enquadramentos e redes** / Tatiane Salette de Almeida – Curitiba, 2017
- BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1994.
- GOMES, Wilson. “Por que a mídia é tão parcial e adversária da minha posição? A hipótese da ‘hostile media perception’”. *Revista Compolítica*, vol. 6 (1). 2016. Disponível em: <http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/93/96> . Acesso em: outubro de 2017.
- LEITE, Fernando. **O campo da produção da Ciência Política brasileira contemporânea: uma análise histórico-estrutural de seus princípios de divisão a partir de periódicos, áreas e abordagens**. Tese em Sociologia. Curitiba: UFPR, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37966/R%20-%20T%20-%20FERNANDO%20LEITE.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acesso em: 05/05/2018.
- MAIGRET, É. **Sociologia da comunicação e das mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- MACÉ, É. **Les imaginaires médiatiques: une sociologie postcritique des médias**. Paris : Éditions Amsterdam, 2006.
- MIGUEL, Luis F. “Um ponto cego na teoria da democracia”. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*. Rio de Janeiro: Anpocs. Nº 49, 1º semestre. 2000.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- PORTO, M. P. **Media Power and Democratization in Brazil**. New York/London: Routledge, 2012.
- REIS, F. W. Democracia, igualdade e identidade. In: PERISSINOTTO, R. e FUKS, M. **Democracia: teoria e prática**. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Fundação. 2002.
- SOUZA, Nelson. R. “Repensando a Mídia e a Cultura: novos olhares sociológicos”. In: Ribeiro, R. (Org.) **Jovens, Consumo e Convergência Midiática**. Curitiba: Editora UFPR, 2017.
- VALMORE, Fabiane Helene & SOUZA, Nelson Rosário. “A Institucionalização da Ciência Política: ...”. III Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades, Brasília, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BOURDIEU, Pierre. “Consommation culturelle”. **Encyclopædia Universalis**. Paris: 1996, 3-44a.

BOURDIEU, Pierre. **La Distinction**. Paris: Minuit, 1979.

FLEURY, Laurent. **Sociologie de la culture et des pratiques culturelles**. Paris: Armand Colin, 2011.

Outros documentos:

ARAÚJO, Inácio. “A professora e o BBB”. In: Blog Canto do Inácio. Disponível em: <https://cantodoinacio.wordpress.com/2018/02/08/a-professora-e-o-bbb/> Acesso em: agosto de 2018.